

# O sistema literário no Século XX

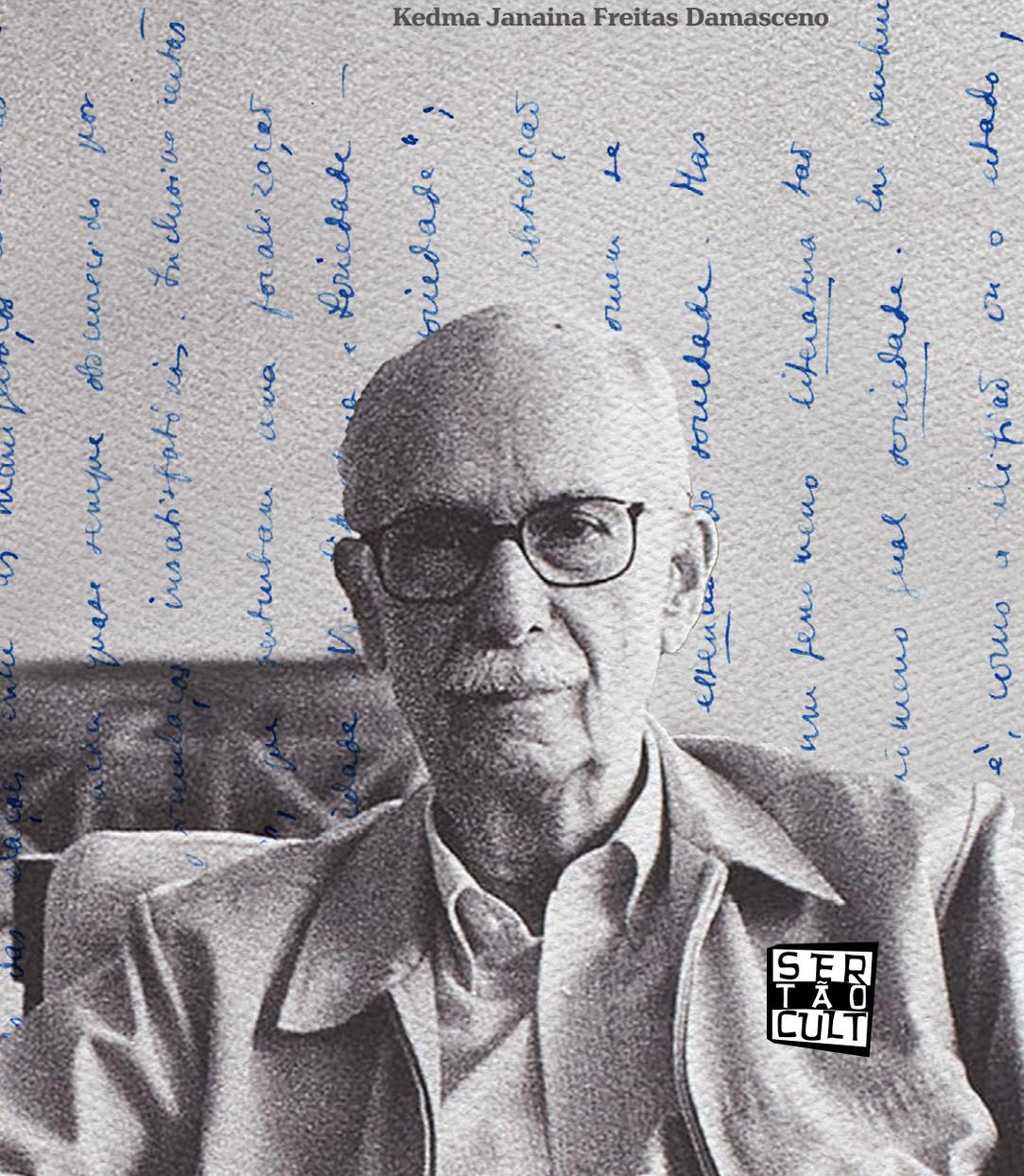
de Lima a Carolina

Organizadoras

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



SER  
TÃO  
CULT



insabir.

ubam una paralizoges

vj: Bihubua + Soviebabe -

que "no + toriebade";

se abtracas,

de

lo por

no ientro

a

1950

1950

# O sistema literário no Século XX

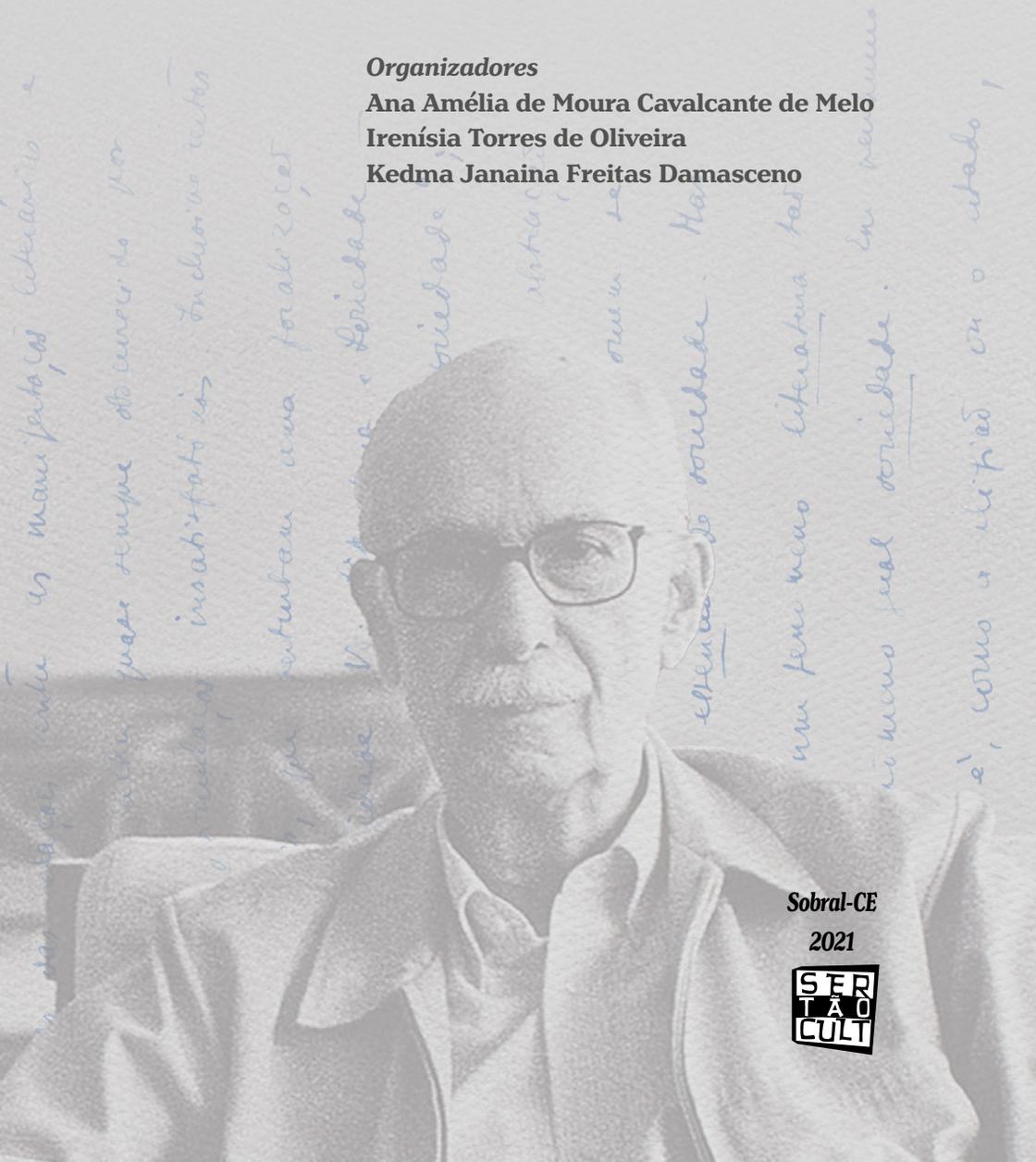
de Lima a Carolina

**Organizadores**

**Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo**

**Irenísia Torres de Oliveira**

**Kedma Janaina Freitas Damasceno**



Sobral-CE

2021





Gilda de Mello e Sousa e Antonio Candido  
em fotografia de Bob Wolferson



## O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina

© 2021 copyright by Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo, Irenísia Torres de Oliveira, Kedma Janaina Freitas Damasceno (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaoacult.com  
sertaoacult@gmail.com  
www.editorasertaoacult.com

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

### Conselho Editorial de História

Andréia Rodrigues de Andrade  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Camila Teixeira Amaral  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Cícero João da Costa Filho  
Francisco Dênis Melo  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
João Batista Teófilo Silva  
Juliana Magalhães Linhares  
Raimundo Alves de Araújo  
Regina Celi Fonseca Raick  
Telma Bessa Sales  
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros  
Valéria Aparecida Alves

### Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

### Diagramação

Francisco Taliba

### Capa

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Fotografias: montagem a partir de fotos de Antonio Candido (Bob Wolfenson), Lima Barreto (autoria desconhecida, 1910) e Carolina de Jesus (autoria desconhecida, compõe o acervo de Audálio Dantas)

### Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S623 O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. / Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo etc.(Organizadores). – Sobral, CE: Sertão Cult,2021.

258p.

ISBN: 978-85-67960-68-5 - papel  
ISBN: 978-85-67960-67-8 - e-book - pdf  
Doi: 10.35260/67960678-2021

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura brasileira. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. II. Oliveira, Irenísia Torres de. III. Damasceno, Kedma Janaina Freitas. IV. Título.

CDD 869.1



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

# Sumário

DOI: 10.35260/67960678p.7-28.2021

**UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE! Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida** ..... 7

*Adelaide Gonçalves*

DOI: 10.35260/67960678p.29-62.2021

**LIMA BARRETO E O SISTEMA LITERÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**..... 29

*Irenísia Torres de Oliveira (UFC)*

DOI: 10.35260/67960678p.63-73.2021

**EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS** ..... 63

*Rodrigo de Albuquerque Marques*

DOI: 10.35260/67960678p.75-92.2021

**VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS**..... 75

*Rafaela Gomes Lima*

DOI: 10.35260/67960678p.93-112.2021

**FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO** ..... 93

*Nabupolasar Alves Feitosa*

DOI: 10.35260/67960678p.113-144.2021

**O LUGAR DO ROMANCE DE 30 NA LITERATURA BRASILEIRA** ..... 113

*José Wellington Dias Soares*

DOI: 10.35260/67960678p.145-170.2021

**O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO SUL: SUAS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES**..... 145

*Ricardo Rodrigues Miranda*

*Irenísia Torres de Oliveira*

DOI: 10.35260/67960678p.171-199.2021

**AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA LITERATURA (1946-1948)**..... 171

*Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo*

DOI: 10.35260/67960678p.201-207.2021

**UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA LITERATURA POPULAR  
NA HISTORIOGRAFIA LOCAL E NACIONAL..... 201**

*Marcus Sales*

DOI: 10.35260/67960678p.209-231.2021

**O CONCRETISMO E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO ..... 209**

*Kedma Janaina Freitas Damasceno*

DOI: 10.35260/67960678p.233-252.2021

**CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO:  
NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO..... 233**

*Emanuel Régis Gomes Gonçalves*

**SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 253**

**SOBRE OS AUTORES..... 255**



# CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO: NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO

*Emanuel Régis Gomes Gonçalves*

## Introdução

*N*a introdução de um livro de Otto Rühle, escrita em 1939, o famoso marxista e revolucionário ucraniano Leon Trotsky faz uma observação perspicaz sobre a relação entre o poder econômico e a vida cultural em uma sociedade na ótica da luta de classes. Diz ele: “A luta de classes não é outra coisa que a luta pela mais-valia. Quem possui a mais-valia é o dono do Estado, *tem a chave da Igreja, dos tribunais, das ciências e das artes*”.<sup>1</sup>

Em outras palavras: as instituições religiosas, jurídicas, científicas e artísticas têm suas portas controladas por quem detém a riqueza

---

<sup>1</sup> TROTSKY, Leon. “O marxismo e nossa época”. In: TROTSKY, Leon. *O imperialismo e a crise da economia mundial*. Tradução Roberto Barros. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008, p. 163.

construída, por meio da exploração do trabalho alheio, nas relações de produção capitalistas (a mais-valia), cabendo às elites econômicas decidir quem está autorizado a entrar em tais espaços e quem deve permanecer fora deles.

É seguindo essa linha interpretativa, ainda que procurando destacar suas nuances, que pretendemos investigar aqui a relação problemática da escritora Carolina Maria de Jesus e sua obra com o sistema literário brasileiro, mediante, sobretudo, as publicações de sua obra no mercado editorial do país. Por *sistema literário* entendemos o “sistema articulado”, formado pelo “triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica” e “articulada com a sociedade” (CANDIDO, 2007, p. 17-18).

Ora, há uma ampla bibliografia na historiografia e na crítica literárias brasileiras que se encarregam de mostrar que tais atores, que dominam o sistema literário em nosso país, vêm, quase todos, das elites sociais ou da classe média, deixando pouca margem de atuação para as classes pobres e subalternas em nossas letras, seja entre os produtores ou mesmo entre o público leitor.

Dentro dessa bibliografia, poderíamos destacar o famoso ensaio *Literatura e subdesenvolvimento*, em que Antonio Candido – comparando as consequências políticas e estéticas das noções de Brasil enquanto “país novo” e “país subdesenvolvido” – descreve um quadro desolador das “condições materiais de existência da literatura” em nosso país, elencando, junto com o analfabetismo, os seguintes problemas, chocantemente atuais:

Falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização

dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas; falta de resistência ou discriminação em face de influências e pressões externas. O quadro dessa debilidade se completa por fatores de ordem econômica e política, como os níveis insuficientes de remuneração e anarquia financeira dos governos [...] (CANDIDO, 2006, p. 172).

A triste conclusão a que o autor de *A educação pela noite* chega, a partir desse cenário, enfatiza o caráter elitista da literatura feita não somente no Brasil, mas em toda a América Latina: “é também possível imaginar que o escritor latino-americano esteja condenado a ser sempre o que tem sido: um produtor de bens culturais para minorias” (CANDIDO, 2006, p. 174).

Uma importante obra recente que trata de tema semelhante é *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), de Regina Dalcastagnè. Por meio de uma pesquisa empírica – utilizando metodologia do campo sociológico –, a autora desse livro cataloga os romances publicados pelas três maiores editoras do país (Companhia das Letras, Record e Rocco), entre 1990 e 2004, e chega a resultados concretos bastante representativos dos tipos de hierarquias sociais que dominam o nosso sistema literário: os homens correspondem a 72% dos autores publicados, sendo que, no corpo geral da pesquisa, 93,9% de todos os nomes publicados, entre homens e mulheres, são de cor branca e vêm, sobretudo, de espaços intelectuais privilegiados, como o jornalismo e a docência em universidades.<sup>2</sup>

## Literatura vista de baixo

Carolina Maria de Jesus tinha plena consciência das barreiras, sociais e financeiras, que lhe obstruíam o caminho da carreira

2 Cf. DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, p. 147-160.

literária. Em 9 de maio de 1958 – um mês depois de conhecer o jornalista que a revelaria para o Brasil e o mundo, Audálio Dantas – ela publica o seguinte poema, no jornal Folha da Noite:

Não digam que fui rebotalho,  
Que vivia à margem da vida  
Digam que eu procurava por trabalho  
Mas fui sempre preterida.

Digam ao meu povo brasileiro  
Que o meu sonho era ser escritora,  
Mas eu não tinha dinheiro  
Pra pagar uma editora<sup>3</sup>

Na verdade, a autora de *Quarto de despejo* teve de enfrentar – é preciso frisar, em um grau máximo – as dificuldades comuns às pessoas saídas das classes pobres e subalternas que se propõem a enveredar pelo caminho da escrita, produzindo o que chamamos, em outro momento, de uma *literatura vista de baixo*.<sup>4</sup>

As limitações que alguém saído das classes subalternas enfrenta para produzir literatura legitimada pelo campo literário são de duas ordens: a da *luta pela sobrevivência*, que se não inviabiliza totalmente a atividade da escrita, ao menos a dificulta extraordinariamente, já que toma a essa pessoa o tempo que a concepção e a escrita física de um livro exigem; e a da *ignorância do código erudito*, que, parcial ou totalmente, impede essa mesma pessoa de articular seu estilo dentro das expectativas colocadas pela tradição – ou pela vanguarda – literária.

3 Carolina Maria de Jesus (*In: Folha da Noite*, 9 maio 1958, p. 5).

4 GONÇALVES, E. R. G. *O livro "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus: a literatura vista de baixo*. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

Carolina levantava-se geralmente às cinco horas da manhã para ir buscar água, saía cedo para as ruas do centro da cidade de São Paulo – evitando, assim, a concorrência com outros catadores – e ali recolhia papel, ferro e madeira para serem vendidos em depósitos de conhecidos por ninharias. Voltava para casa para preparar alguma possível refeição para os três filhos (quando havia essa possibilidade) e conferir se nada lhes tinha acontecido. Retornava, em seguida, para as ruas e avenidas e a coleta do lixo e, no fim do dia, recolhia-se ao seu barraco no número 9 da rua A da favela do Canindé, onde continuava o cuidado com os filhos, dia após dia. Uma força de vontade titânica e uma convicção da necessidade inquebrantável de escrever para manter-se viva e esperançosa foi o que permitiu a Carolina Maria de Jesus continuar a escrever, apesar de sua dura rotina de trabalhadora braçal e única responsável por três filhos pequenos.

A escrita acontecia nos pequenos intervalos do trabalho, nos dias de chuva em que não havia condições de catação ou tarde da noite, quando a luta pela sobrevivência – nem sempre ganha – tinha sido temporariamente concluída.

Vencidas, porém, essas dificuldades, Carolina ainda se deparava com outra, dessa vez no plano intelectual: o fato de ter tido formalmente apenas os conhecimentos fornecidos por seus dois anos de estudo do que hoje equivale ao Ensino Fundamental, no colégio espírita Allan Kardec, na sua cidade de origem, Sacramento, em Minas Gerais.<sup>5</sup>

O desconhecimento do código literário erudito pela autora de *Diário de Bitita* só não era maior por ela ser uma leitora voraz de tudo o que lhe caía nas mãos: livros que ganhava de presente ou que encontrava nas bibliotecas dos patrões para quem trabalhava como

---

5 Cf. Sobre essa e outras informações acerca da vida de Carolina Maria de Jesus, conferir a excelente obra escrita por Tom Farias: *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

empregada doméstica ou, ainda, posteriormente, os que achava como catadora; além de revistas, jornais etc.

Em relação à formação de Carolina enquanto escritora e ao diálogo dela com o sistema literário erudito, sobretudo em seus primeiros anos como leitora, o historiador Joel Rufino dos Santos faz uma interessante conjectura:

Suponho, mas é só suposição, que suas fontes literárias fossem antologias literárias escolares daquele começo de século XX, como outros poetas de baixa escolaridade e muita expressividade, um Cartola, um Catulo da Paixão Cearense, um Silas de Oliveira. [...] José de Alencar, Castro Alves, Macedo, Fagundes Varela, muitíssimo Bilac, *Contos pátrios* e *Poesias infantis* que os governos estaduais mandavam imprimir e entregar de graça nas escolas, bibliotecas, grêmios e academias (SANTOS, 2009, p. 43).

Tais modelos literários, advindos da formação de Carolina, fizeram a sua literatura afastar-se, em um sentido estrito, das formulações estéticas das três gerações modernistas que a precedem no sistema literário brasileiro antes da publicação de seu primeiro e mais famoso livro, *Quarto de despejo*, em 1960. Tal fato levou a pesquisadora Germana Henriques Pereira de Sousa, em sua importante obra *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata* (2012), a identificar a escrita da autora de Sacramento como um exemplo de “passadismo literário”, deixando claro, porém, que – por não dominar devidamente o código acadêmico de literatura – o que vemos surgir na literatura dela é um “fato novo”:

O que representa uma contradição inexorável se realiza: ela, que vem da camada subletrada da sociedade brasileira, se inspira na academia letrada e quer, por meio da literatura, conseguir a mobilidade social. A escritora que está, portanto,

às margens do sistema literário canônico, vai com esse gesto romper padrões, pois ao tentar reproduzir o modelo, cria um fato novo (SOUSA, 2012, p. 111).

Poderíamos perguntar, então, que “fato novo” seria esse trazido por Carolina Maria de Jesus? E a resposta seria: a expressão literária do universo existencial de uma pessoa vinda das classes pobres e subalternas, sem a presença de *mediadores*, ligados à tradição literária e conscientes disso, tal como sempre ocorrera em nossa literatura, e ainda instituindo um ineditismo em nossas letras por não estar inserida na mesma classe social dos seus leitores:

a escritora/personagem Carolina de Jesus não faz parte da esfera social do leitor, caso praticamente inédito nas letras brasileiras, onde quase sempre o autor-narrador é da mesma esfera social do leitor, embora o narrador possa representar por meio dos personagens uma realidade social diferente daquela na qual vive. O diferente, o outro, é o personagem, como Macabéa, Fabiano. Nas narrativas de *Vidas Secas* e *A hora da estrela*, respectivamente, de Graciliano Ramos e Clarice Lispector, o autor-narrador são da mesma classe social” (SOUSA, 2012, p. 117).

Além disso, é necessário esclarecer que a *liberdade formal* proporcionada pelo fato de a primeira obra publicada de Carolina ser um *diário* – em que ela podia mesclar crônica, prosa poética, poesia, notícias tiradas de jornal, ditados populares e até textos próximos à dramaturgia teatral – conferiam a *Quarto de despejo*, independentemente de sua autora ser consciente disso, um inegável caráter *moderno*, livrando-o do mero pastiche e permitindo, assim, um grau de familiaridade e aceitação por parte do leitor culto da época.<sup>6</sup>

---

6 Devo essa pertinente observação à professora Irenísia Torres de Oliveira, da Universidade Federal do Ceará.

## Publicações e recepção

Diante das considerações até aqui feitas sobre a relação de Carolina Maria de Jesus com o sistema literário brasileiro – e a problemática envolvida por essa autora ter vindo de uma classe de excluídos social e culturalmente –, seria interessante traçar agora um histórico da trajetória e percalços da autora de Sacramento, nos âmbitos da *publicação e recepção* de seus livros.

De início, é importante frisar que a publicação de *Quarto de despejo*, em 1960, é a primeira realização do projeto de uma carreira literária que vinha sendo construída e ansiada há, pelo menos, vinte anos.<sup>7</sup> É sabido que, pouco depois de chegar à cidade de São Paulo, em 1937, desenvolveu-se em Carolina o desejo de viver de literatura, o que a levou a frequentar constantemente as redações dos jornais paulistanos, tentando divulgar seus escritos.

Ao sucesso estrondoso do primeiro diário de Carolina,<sup>8</sup> pela editora Francisco Alves – impulsionado pelo furacão midiático que sua autora enfrentou, muito em decorrência da legítima novidade que representava em nossas letras – seguiu-se a recepção fria à *Casa de Alvenaria*, seu segundo diário, publicado em 1961, pela mesma editora Francisco Alves.

Os motivos do “fracasso” editorial do segundo diário de Carolina – contando sua vida no bairro de Santana, para onde se mudara após sair da favela do Canindé, e as peripécias de sua trajetória, agora como “celebridade” nacional e mesmo internacional – deve-se a dois fatores principais: a) a saturação da figura da “escritora favelada”, promovida pela indústria cultural da época, levando o público em

7 O primeiro registro histórico de Carolina Maria de Jesus como literata de que se tem notícia está na matéria publicada no jornal paulista Folha da Manhã, de 25 de fevereiro de 1940, intitulada “Carolina Maria, poetiza preta”, onde a autora de Sacramento apresenta o seu, hoje, conhecido poema “O colono e o fazendeiro”. Apud FARIAS, Tom, *Op. Cit.*, p. 115.

8 Dez mil cópias vendidas apenas na primeira semana, oito edições apenas no ano de seu lançamento e tradução para 14 idiomas.

geral a verdadeiro “enfado” em relação à autora de *Quarto de despejo*; e b) ao fato de o *ethos* literário ou *tom* adotado por Carolina em seu novo livro ser bastante diferente de sua obra anterior: “duro”, sarcástico, sem o lirismo e os desaforos poéticos que tanto atenuavam o pesado conteúdo de seu primeiro diário. Ou seja, se a publicação da primeira obra de Carolina Maria já tinha sido, para a classe média que formava o grosso do público leitor e para os altos círculos literários brasileiros, um verdadeiro “atrevimento” (na feliz definição da escritora Conceição Evaristo)<sup>9</sup>, *Casa de Alvenaria*, por sua vez, era simplesmente *inaceitável*.

Em 1963, já muito distante de seus tempos de glória, Carolina Maria de Jesus lança, às suas próprias expensas, *Pedaços da fome*, pela Editora Águila. Esse livro é um romance, muito influenciado pelos folhetins românticos do século XIX, narrando as desventuras da personagem Maria Clara, filha de um rico fazendeiro ludibriada por um conquistador barato, Paulo, e levada por ele à cidade grande, onde, indo morar em um cortiço, depara-se com uma vida de pobreza e submissão, com um final redentor. Sobre esse livro, escrevem Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado:

O enredo tem muitos elementos autobiográficos: a vida no cortiço, a experiência rural, o deslumbramento na chegada à capital. Mas a figura feminina, subordinada ao marido e senhor, é o extremo inverso da autora. A experiência pessoal é retrabalhada pela fantasia e pela idealização (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 112).

No mesmo ano ou no seguinte<sup>10</sup>, Carolina publica, novamente com recursos próprios, a obra *Provérbios*, que – como o título anuncia desde o início – é um livro de máximas. Nele encontramos, em meio

9 EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. In: *Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2º sem. 2009, p. 28.

10 A data de publicação não consta no livro.

a frases moralizantes e óbvias, também profundas e poéticas reflexões sobre a existência, como as seguintes: “O mundo é um salão de baile, onde os humanos dançam a música chamada vida e não acertam o passo”<sup>11</sup> ou este: “Se o homem fosse eterno, a humanidade seria mais infeliz”.<sup>12</sup>

Moura Castro e Mata Machado também fazem uma observação interessante sobre *Provérbios*, a partir de um estudo realizado por um pesquisador norte-americano:

Melvin Arrington, da Universidade de Mississippi, num artigo sobre esse livro, diz que os provérbios são a versão contemporânea de uma forma literária medieval, chamada literatura gnômica. São máximas sempre com intenção didática e exprimindo regras morais ou de conduta (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 113).

Para além de máximas tiradas da tradição popular, os provérbios de Carolina Maria eram pensamentos derivados de suas experiências pessoais, expressando sua maneira de enxergar o mundo ao seu redor.

As duas obras em questão foram completamente ignoradas pela crítica e pelo público em geral, confirmando o ocaso de Carolina no mundo literário e cultural do país naquele momento.

Na verdade, os próximos dois livros que a escritora de Sacramento iria ver publicados seriam novas edições, dessa vez de bolso, de *Quarto de despejo*: uma em 63, pela Francisco Alves, para minimizar as constantes cobranças da autora, novamente empobrecida, à sua primeira casa editorial; e outras duas em 1976, pela Edibolso, mas licenciadas pela Francisco Alves, um ano antes da morte de Carolina.

---

11 JESUS, s/d, p. 12.

12 JESUS, s/d, p. 22.

## O renascimento de Carolina

A obra de Carolina Maria de Jesus só voltaria a ser publicada no mercado editorial brasileiro – embora nos Estados Unidos isso nunca tenha deixado de acontecer com certa regularidade – em uma nova edição de seu famoso diário, no ano de 1983.<sup>13</sup>

Esta publicação de 83 foi motivada pelo lançamento, na França, do livro *Journal de Bitita*, no ano anterior, revelando a permanência do nome de Carolina Maria de Jesus no exterior e despertando a atenção de nosso mercado editorial para a viabilidade comercial de resgatar, se não a obra completa, pelo menos o famoso *best-seller* da escritora de Sacramento.

É também importante perceber a coincidência entre o apagamento de Carolina Maria de Jesus, enquanto figura pública e escritora, e a retomada do interesse por ela, no começo dos anos 80, com a ascensão da Ditadura Civil-Militar no Brasil e a lenta e precária abertura política que se dá para o regime democrático no país – o que indica que um dos fatores que contribuíram para o longo ocaso de Carolina, a partir da segunda metade dos anos 60, foi o regime de exceção que vivemos oficialmente até 1985, em que os discursos dissidentes ou críticos de qualquer natureza eram hostilizados, perseguidos e silenciados, por meio da censura e do terror promovidos pelo sistema de governo que se instituía, como consequência do acirramento da *luta de classes* que então se dava por aqui e do medo da “ameaça comunista” posto em circulação pelo exemplo de Cuba, cinco anos antes.

A história da publicação de *Journal de Bitita* – que aqui seria publicado, quatro anos depois, como *Diário de Bitita*, livro de memórias retratando a infância, adolescência e juventude de

---

13 JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 10 ed. Livraria Francisco Alves Editora: Rio de Janeiro, 1983.

Carolina – é curiosa: Clélia Pisa, brasileira, e Maryvonne Lapouge, francesa, realizam uma série de gravações e entrevistas com escritoras brasileiras visando a publicar, na França, um livro sobre a escrita de mulheres no Brasil. Na ocasião dessas entrevistas, visitam Carolina Maria e, além da conversa registrada, retornam para o referido país europeu com dois cadernos de manuscritos, confiados a elas pela autora de *Quarto de despejo*, na esperança de ter um novo livro publicado no exterior, já que não via mais chances de isso acontecer no seu próprio país.

O título sugerido por Carolina Maria às jornalistas é *Minha vida* ou *Um Brasil para brasileiros*, mas elas optam por publicá-lo como *Journal de Bitita* (“Diário de Bitita”), possivelmente para aludir à obra mais famosa da escritora brasileira.

Como dissemos, em 1986 é lançada no Brasil a obra *Diário de Bitita*, dessa vez pela Editora Nova Fronteira. Apesar da importância da obra, que traz novamente à tona o nome de Carolina Maria de Jesus, apenas quatro anos depois outra editora se dispõe a publicar novamente a autora de Sacramento. É quando sai outra edição de *Quarto de despejo*, pela editora Círculo do Livro, em 1990.

Em 1993 é a vez da editora Ática lançar uma nova edição de *Quarto de despejo*<sup>14</sup>, o que, curiosamente, gera reações negativas de alguns nomes da intelectualidade brasileira.<sup>15</sup> Apesar dessas reações críticas antipáticas, uma nova publicação de Carolina Maria de Jesus vem à luz três anos depois. Trata-se do livro *Antologia pessoal*, lançado pela editora UFRJ, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1996, a partir do trabalho das duas pessoas que certamente mais contribuíram para o resgate da vida e da obra de

---

14 Pela editora Ática, *Quarto de despejo* tem, até o momento, dez edições.

15 É famoso o artigo lançado pelo crítico literário Wilson Martins, no Jornal do Brasil do dia 29 de outubro de 1993. Intitulado “Mistificação literária”, o artigo questionava a autoria de *Quarto de despejo*, sugerindo que o livro tivesse sido forjado por Audálio Dantas.

Carolina no nosso país, o brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy e o norte-americano Robert Levine, ambos historiadores.<sup>16</sup>

A partir da publicação desse livro, o público leitor brasileiro tem acesso, pela primeira vez, à produção poética de Carolina Maria de Jesus. Suas poesias seguem as formas tradicionalmente usadas – de maneira muitas vezes inábil, inclusive – pela chamada *poesia popular*, feita basicamente de septilhas, esquemas rítmicos do tipo ABAB e a presença frequente de *quadras*.<sup>17</sup> Os temas constantes dos versos de Carolina Maria, nesta obra, são a maternidade, o amor, Deus e a pobreza, além de alusões ao racismo e esparsas homenagens a figuras políticas por quem a autora nutria simpatia.

A elaboração de *Antologia pessoal* foi possível a partir da descoberta, por Meihy e Levine, de 37 cadernos deixados por Carolina em uma caixa que estava aos cuidados de sua filha Vera Eunice, somando 5112 páginas, nas quais estavam os manuscritos de diversos gêneros literários, de romances a peças de teatro.<sup>18</sup>

Esse mesmo material serviria também como base para a publicação de *Meu estranho diário*, lançado, ainda em 1996, pela editora Xamã. Nessa nova empreitada, Meihy e Levine pretenderam reeditar os famosos diários de Carolina – *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria* – sem a edição feita por Audálio Dantas nos livros que saíram pela Livraria Francisco Alves Editora, nos anos 60.

Novamente, a tentativa de resgatar o nome da escritora de Sacramento despertou a indignação de intelectuais estabelecidos que defendiam que a escrita de Carolina não possuía o necessário “estatuto literário” que a habilitasse a figurar em nossas Letras como

16 Esses dois pesquisadores são os responsáveis por publicar a primeira obra de fôlego sobre a vida e a obra de Carolina, o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, publicado pela editora UFRJ, em 1994.

17 É o tipo de poesia que vamos encontrar em poetas populares como Patativa do Assaré, por exemplo.

18 Cf. CASTRO; MACHADO. Obra citada, p. 124.

algo relevante.<sup>19</sup> Sobre as reações desse tipo, observa com acerto Tom Farias:

Carolina foi vítima da perseguição da língua por uma ‘intelligentsia’ supostamente ditadora das regras culturais da língua falada e escrita, mas como uma imposição de critérios e condutas, na forma de dominação, algo canônica, garantidora da hegemonia de uma casta, de um seletor e pequeno grupo encastelado no ‘poder das letras’, diga-se de passagem, já predominantes na cultura e na política do país, por longos séculos (FARIAS, 2017, p. 237).

Palavras que se coadunam com a reflexão de Trotsky sobre os “donos das chaves” da cultura, que também são os donos do poder econômico, em qualquer sociedade.

## Carolina hoje

O século XXI assistiria a uma verdadeira explosão de publicações de obras de Carolina Maria de Jesus, inclusive com textos inéditos.

A primeira menção importante que devemos fazer é a segunda edição de *Diário de Bitita*, publicado em 2007 pela editora Bertolucci, localizada na cidade natal da escritora. Em 2014, ano do centenário de nascimento de Carolina Maria de Jesus, uma série de homenagens, celebrações e produções artísticas relacionadas à escritora fazem as instituições culturais e o mercado editorial acordarem de vez para a importância da autora, que tantas problematizações interessantes trouxera para o nosso sistema literário.

*Onde estaes Felicidade?*, lançado em uma tiragem de apenas 2.000 exemplares pela Edições MéParió Revolução, em parceria

---

19 O ataque dessa vez veio da articulista Marilene Felinto, do jornal Folha de São Paulo, em artigo publicado no dia 29 de setembro de 1996, com o título “Clichês nascidos na favela”, e em que sua autora afirmava, entre outras coisas, que a tentativa de dar estatuto literário à Carolina era um esforço inútil dos meios acadêmicos.

com a Fundação Palmares e o Ministério da Cultura, lançada no ano em questão, é, possivelmente, a obra mais importante de Carolina Maria de Jesus a vir a público desde *Meu estranho diário*. Isso por dois motivos: a) resgatava um obscuro texto caroliniano lançado em 1977 pela revista Movimento, o conto que dá título ao livro e que revela todo o potencial ficcional da autora de *Quarto de despejo*, para além da escrita testemunhal; e b) trazia uma parte inédita dos manuscritos da autora de Sacramento, um escrito autobiográfico intitulado “Favela”, em que temos acesso às vivências de Carolina antes de ela ir morar na favela do Canindé, a partir do ano de 1948. Esse livro também traz, como é de praxe em publicações dessa escritora, diversos ensaios de estudiosos e entusiastas da obra caroliniana. No mesmo ano, *Diário de Bitita* também foi novamente publicado, desta vez pela SESI-SP Editora.

Raffaella Fernandez, uma das mais importantes pesquisadoras da obra de Carolina Maria de Jesus na atualidade<sup>20</sup>, organizou e publicou o livro *Meu sonho é escrever...*, mesclando textos já conhecidos e outros tantos inéditos de Carolina, material sem dúvida precioso para fãs e estudiosos.

Por fim, a mesma Raffaella Fernandez, junto com Ary Pimentel, coloca no mercado o livro *Clíris*, pela editora Desalinho, em 2019. Essa obra é um tipo de “edição revista e ampliada” de *Antologia pessoal*, com a adição de dois novos poemas de Carolina (“Negros” e “Os feijões”), além da inclusão, pela primeira vez em livro, das letras do disco fonográfico lançado pela autora de *Quarto de despejo*, em 1961, e que fora batizado com o mesmo nome de seu famoso diário.<sup>21</sup>

---

20 Entre os trabalhos importantes dessa pesquisadora, responsável por trazer a público muitos textos inéditos e novas informações sobre o acervo de Carolina, pode-se destacar o livro *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, lançado pela Aetia Editorial em 2019.

21 *Quarto de despejo – Carolina Maria de Jesus cantando suas composições*, RCA Victor, 1961.

## Os negros querem ser representados

Na atualidade, podemos afirmar que Carolina Maria de Jesus ocupa um lugar, se não definitivo, ao menos bastante *estável* no sistema literário brasileiro, levando em consideração o número de edições, reedições, trabalhos acadêmicos, produções artísticas de todo tipo e até mesmo a atenção da grande mídia<sup>22</sup> que sua figura e sua obra vêm gerando nos últimos anos.

Informados dos caminhos tortuosos que seus escritos tiveram de enfrentar para alcançar o patamar de aceitação e, por que não dizer, *prestígio* que hoje desfrutam, poderíamos fazer a seguinte pergunta: o que teria mudado em nosso contexto social e em nossos meios acadêmicos e intelectuais para que a produção da “escritora favelada” pudesse desfrutar de novos e generosos olhares sobre ela? A nossa resposta seria a seguinte: esses novos olhares surgiram junto com um *novo público leitor*, que se identificava, em diferentes graus, com a história de Carolina Maria de Jesus: *os estudantes negros* que puderam ter acesso à universidade a partir *das políticas públicas de inclusão* dos governos do Partido dos Trabalhadores, com a chegada à presidência de Luiz Inácio Lula da Silva.

Não se trata aqui de diminuir o papel desempenhado pelos diversos grupos e associações do movimento negro e feminista, na manutenção da memória de diversas personalidades que marcaram a vida política, social e intelectual brasileira, na luta contra o racismo, o patriarcalismo e o apagamento de sua história. Afinal, como nos lembram Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado:

---

22 No dia 15 de dezembro de 2019, o programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, exibiu uma longa matéria sobre a vida de Carolina, dentro da série “Mulheres fantásticas”, em que figuras femininas de destaque na vida nacional eram reverenciadas.

A aceitação final de Carolina coincidiu com as mudanças políticas do país. O associacionismo que precedeu o fim da ditadura fortaleceu movimentos negros e femininos, entre outros, fazendo com que esses grupos se lembrassem de Carolina e a transformassem em ícone de suas batalhas (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 127).

Trata-se, isso sim, de mostrar que esses movimentos puderam encontrar, pela primeira vez na história desse país, um governo que efetivamente criou mecanismos – ainda que questionáveis em muitos pontos – para a inclusão de uma grande massa de jovens, em sua maior parte constituída de mulheres negras, nos bancos universitários.

Ações governamentais, como o aumento do salário mínimo, a criação do crédito consignado e os programas Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida e Luz para Todos melhoraram efetivamente o nível de vida material do subproletariado brasileiro. Junto com tais programas, houve também políticas públicas democratizantes para a Educação que foram fundamentais para o ingresso de um enorme contingente de pobres e negros no Ensino Superior, tais como a política de cotas, o Programa Universidade para Todos (Prouni), a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

Poderíamos acrescentar a essas medidas a criação e aprovação da lei 10.639, de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas de nível fundamental e médio e o Dia da Consciência Negra; além da criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2003, e do Estatuto da Igualdade Racial, em 2010.

Nossa hipótese é que esse, por assim dizer, *terreno político-institucional favorável* contribuiu decisivamente para a criação de um

*novo público leitor negro*,<sup>23</sup> que, desfrutando de uma melhor formação intelectual e de um maior poder de consumo, pôde criar uma *demanda de representação*, inclusive literária, que permitiu uma maior valorização da literatura feita por autores negros, fazendo com que nomes como os de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus pudessem, finalmente, ocupar um espaço mais amplo – em relação ao passado – no mercado editorial, nos cursos de Letras e, claro, na crítica literária especializada.

Se o retrocesso político que vivemos após o Golpe jurídico-parlamentar de 2016 e a ascensão ao poder da extrema-direita serão capazes de reverter essas conquistas, é uma questão de difícil resposta.

Resta-nos, porém, ter esperança em tempos melhores a partir do exemplo de resistência, de sagacidade e de força espiritual, para não se deixar esmagar ou esquecer, presentes na vida e na obra de Carolina Maria de Jesus, uma escritora que veio do povo.

## Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, p. 169-196, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos: 1750-1880. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina!:** biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, p. 147-160, 2012.

23 Segundo a 26ª edição do Boletim de Políticas Sociais lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2019, o número de negros que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *In: Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2º sem. 2009.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

GONÇALVES, E. R. G. **O livro “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus**: a literatura vista de baixo. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 3 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 9 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Edibolso S. A, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Aquila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Luzes, [196-].

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. 2 ed. Sacramento: Bertolucci, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de; LEVINE, Robert; MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de; FERNANDEZ, Raffaella; MOTA, Maria Nilda de C. (Org.). **Onde estaes felicidade?** São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, Carolina Maria de; FERNANDEZ, Raffaella (Org.). **O meu sonho é escrever...** contos inéditos e outros escritos. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

LEVINE, Robert; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

TROTSKY, Leon. O marxismo e nossa época. *In*: TROTSKY, Leon. **O imperialismo e a crise da economia mundial**. Tradução Roberto Barros. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, p. 157-190, 2008.

# **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

## **Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo**

Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Possui Doutorado em Ciências Sociais CPDA/UFRRJ e Pós-Doutorado em História da América Latina, no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Santiago (IDEA/USACH). Pesquisas sobre intelectuais e política na América Latina.

*E-mail: anameliademelo@gmail.com*

## **Irenísia Torres de Oliveira**

Professora Associada do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Possui Doutorado pela Universidade Federal Fluminense e Pós-Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Livre de Berlim, no Instituto Peter Szondi de Literatura Geral e Comparada. Pesquisa sistema literário, Modernismo e o romance brasileiro do século XX.

*E-mail: irenisia@ufc.br*

## **Kedma Janaina Freitas Damasceno**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Literatura Comparada e graduada em Letras Português/Literatura pela mesma universidade. Professora efetiva da rede pública estadual de ensino do Ceará. Integrante do Grupo de Estudos de Literatura, Tradução e suas Teorias (GELTTTE/UFC/CNPQ) e do Núcleo Antonio Candido de Estudos de Literatura e Sociedade.

*E-mail: kedma20@yahoo.com.br*



# **SOBRE OS AUTORES**

## **EMANUEL RÉGIS GOMES GONÇALVES**

Mestre em Letras (Universidade Federal do Ceará – UFC), é professor da rede pública de ensino do Governo do Estado do Ceará e autor do livro “A literatura vista de baixo – o livro ‘Quarto de despejo’, de Carolina Maria de Jesus”, publicado em 2015. Mantém atualmente um perfil dedicado a Carolina Maria de Jesus na rede social Instagram (@carolinabitita).

E-mail: emanuelregio@yahoo.com.br

## **JOSÉ WELLINGTON DIAS SOARES**

Professor Adjunto do curso de Letras e do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da FECLESC. Doutor em História pela UFMG; Mestre em Letras pela UFC; graduado em Letras pela UECE. Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História da UFC.

E-mail: wellington.soares@uece.br

## **MARCUS DE MOURA SALES**

Graduado em Letras (Universidade Federal do Ceará – UFC), graduado em Marketing (Faculdade Darcy Ribeiro – FDR), membro do Núcleo Antonio Candido de Estudos de Literatura e Sociedade e Grupo de Pesquisa História Social, Cultura e Linguagens, na Universidade Federal do Ceará, membro da Casa do Poeta Cearense, onde participou da Antologia poética Vozes da Caucaia (2021).

E-mail: mdemourasales@gmail.com

## **NABUPOLASAR ALVES FEITOSA**

Professor Adjunto da FECLI/UECE; Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História da UFC; Doutor em Ciências Sociais: Política, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); especialista em O Teatro Moderno em Língua Inglesa (UECE); graduado em Letras (UECE); e em Ciências Sociais pela UFC. Membro do grupo de pesquisa em História e Literatura, liderado pela Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira.

E-mail: nabupolasar@bol.com.br

## **RAFAELA GOMES LIMA**

Doutoranda em História Social (Universidade Federal do Ceará - UFC), Mestre em História e Culturas (Universidade Estadual do Ceará - UECE), Especialista em História do Brasil (INTA), graduada em História (UECE) e professora efetiva da rede pública estadual de ensino do Ceará.

E-mail: rafagl83@gmail.com

## **RICARDO RODRIGUES MIRANDA**

Graduado em Letras – Português e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC); pesquisador do Núcleo Antonio Candido de Estudos de Literatura e Sociedade (UFC). Desenvolve pesquisa sobre o Modernismo Brasileiro e sua difusão nos estados do Rio Grande do Sul e do Ceará.

E-mail: ricardorodriguesmiranda91@gmail.com

## **RODRIGO DE ALBUQUERQUE MARQUES**

Professor da Universidade Estadual do Ceará, campus Quixadá, FECLESC (Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central), doutor em Literatura Comparada pela UFC, é autor de livros de poesia e ensaios, entre eles a biografia do poeta Antônio Sales, na coleção Terra Bárbara (Editora Demócrito Rocha, 2016) e “A Nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará” (UFC, 2018).

E-mail: [rodrigo.marques@uece.br](mailto:rodrigo.marques@uece.br)



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80 g/m<sup>2</sup>, com 258 páginas e em e-book formato pdf.  
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira  
outubro de 2021.

**Saiba como adquirir o livro  
completo no site da SertãoCult**

[www.editorasertaocult.com](http://www.editorasertaocult.com)

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espraiando-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Colefânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

